BLOG, AUTOFICÇÃO E LITERATURA: AS PRODUÇÕES DE CLARA AVERBUCK

Carlos Henrique Vieira (UNICAMP)[1]

Resumo: A partir da análise da produção de Clara Averbuck, pretende-se problematizar os desdobramentos de seu surgimento como figura autoral a partir da publicação de textos na internet, especialmente em seu blog, Brazileira!Preta. As suas postagens podem ser consideradas uma das formas midiáticas que integram o "espaço biográfico" (ARFUCH, 2010). E, além disso, o blog, ao permitir a exibição performática de uma subjetividade autoconstruída, constitui-se como instrumento favorável para o exercício da autoficção contemporânea, uma vez que as fronteiras entre vida e ficção tendem a se misturar, o que também acarreta em certa similaridade com gêneros menores, como o diário e crônica.

Palavras-chave: Blog; Autoficção; Performance; Clara Averbuck.

O início da carreira da escritora brasileira Clara Averbuck esteve ligado à internet e aos seus diferentes meios para a divulgação de informação e conteúdo. Averbuck surgiu como colaboradora do e-zine *CardosOnline*, um fanzine divulgado eletronicamente através de uma lista de e-mails e no qual também colaboraram escritores, como Daniel Galera e Daniel Pellizzari, entre outros. O *CardosOline* foi mantido entre 1998 e 2001, totalizando 278 edições. Com o término do e-zine, Averbuck passou a publicar em seu próprio site, intitulado *Dexedrina* (http://dexedrina.hpg.com.br[2]) e iniciou a escrita de seu primeiro blog o *Brazileira!Preta* (http://brazileirapreta.blogspot.com.br/).

O blog de Averbuck, *Brazileira!Preta*, foi mantido por dois anos – de setembro de 2001 a setembro 2003 – nele, a autora publicou textos cuja temática girava em torno de seu cotidiano. Assim, tais publicações eram lidas sob a lógica biográfica pela qual o *eu-enunciado* e o *eu-enunciador* compartilhariam a mesma identidade. No entanto, ela também fez do blog uma espécie de laboratório de escrita, divulgando trechos que seriam posteriormente publicados em seus livros ou retirando trechos do blog e inserindo-os em seus romances sem grandes alterações. Isso acabou por interferir na recepção de seus primeiros livros, principalmente em virtude da semelhança entre

[1] Mestrando em Teoria e História Literária (UNICAMP). Contato: carlos.h.vieira@gmail.com
[2] As postagens do site *Dexedrina* já não estão mais disponíveis para acesso. Como a própria Averbuck se refere à página, trata-se de um "site defunto". No entanto, alguns dos seus textos, assim como do blog, estão inseridos na coletânea intitulada: *Das coisas esquecidas atrás da estante* (2003).

passagens dos romances e diversas postagens que a autora havia divulgado em seu blog. Desse modo, após a publicação de *Máquina de Pinball* (2002) e *Vida de Gato* (2004), muitos leitores questionaram, desconfiaram ou, até mesmo, ignoraram a leitura ficcional dessas obras, buscando as semelhanças compartilhadas entre a sua autora e a personagem-escritora, Camila Chirivino, também entendida como *alter ego* daquela.

Vale recordar que logo que se deu o aparecimento dos *blogs* na rede mundial de computadores, este novo espaço de publicação foi utilizado, por jovens de todo o planeta, como uma ferramenta para a divulgação de textos que giravam em torno de suas vidas cotidianas, suas frustações e conquistas corriqueiras; daí resulta a definição mais comum dada aos *blogs* nos primeiros anos deste século: diários íntimos publicados online. Soma-se ao fenômeno de exposição da esfera íntima as suas posteriores evoluções, como, por exemplo, os *fotologs* ou *vlogs* (videologs), canais para a exposição de qualquer pessoa, por meio de textos, fotografias ou vídeos.

Importa ressaltar, no entanto, que as escritas de si online, que se proliferaram nos últimos anos, diferem tanto das escritas de si dos primeiros séculos da era cristã analisadas por Foucault (2006) em seu famoso ensaio, quanto das narrativas de si modernas estimuladas pela sociedade burguesa do século XIX, como o diário e a autobiografia[3]. Atualmente as novas formas de escritas de si, principalmente as que circulam na internet, são pautadas pela performance de uma subjetividade autoconstruída, buscando-se alcançar o reconhecimento público e o sucesso midiático. Portanto, essas escritas contemporâneas divergem das narrativas de si antigas e modernas, sobretudo porque a escrita do blog é algo público, sendo a sua leitura praticamente instantânea e desejada, opondo-se, assim, à privacidade do diário íntimo, e ainda, se as tradicionais autobiografias registravam as memórias de pessoas ilustres e de reconhecida importância para uma sociedade, a internet democratizou o espaço, consequentemente pode-se encontrar narrativas sobre acontecimentos da vida de qualquer pessoa disposta a expô-los.

[3] Foucault argumenta que a escrita do *hupomnêmata* (uma espécie de caderneta de anotações), bem como das correspondências dos primeiros séculos tinham por princípio o exame e o conhecimento de si; logo, a escrita revelava-se como um instrumento para atingir a verdade do indivíduo e educá-lo moralmente quanto a suas ações, uma vez que, por meio das meditações, elas seriam relembradas antes de se tornarem concretas no papel; já a escrita de si segundo a lógica cristã é entendida como uma forma de confissão que visa controlar os pensamentos do sujeito que a desenvolve, consequentemente já seria uma prática mais próxima do diário moderno e de uma hermenêutica de si.

Os blogs, a princípio, foram vistos como veículos propícios para a divulgação das experiências pessoais e cotidianas; logo, é possível inseri-los entre as novas formas midiáticas que integram o que Leonor Arfuch (2010) definiu como "espaço biográfico". Segundo a autora, a conceito de "biográfico" nos remete diretamente a gêneros discursivos tradicionais, como as biografias, autobiografias, confissões, diários íntimos e correspondências, mas também a gêneros ou "formas" recentes, resultado da cultura contemporânea e da midiatização da sociedade atual, tais como: a entrevista, os testemunhos, os relatos de autoajuda, o *talk show* ou o *reality show*. Assim, a cultura contemporânea tem se mostrado permeada pelo interesse nas experiências pessoais, uma vez que a própria experiência se tornou o objeto central de tematização em diferentes tipos de relatos.

O rápido sucesso e o grande número de acessos diários, alcançados por Averbuck com seu blog, que em seu auge contabilizou mais de 500 acessos diários, são evidências do interesse do público pelo que a autora tinha a dizer sobre sua vida particular e cotidiana, e também serviu para impulsionar a sua publicação no formato livro. Seguindo a lógica biográfica que envolvia os blogs, nos textos de *Brazileira!Preta* predominou a leitura que entedia as experiências divulgadas como experiências realmente vividas pela escritora. Assim sendo, em uma leitura típica daquele momento no qual se deu a aparecimento dos blogs na rede, e um tanto quanto ingênua, o "pacto autobiográfico", segundo definiu Lejeune (2014), seria estabelecido e a ideia que se fazia de autora, narradora e protagonista tendia a coincidir em uma mesma identidade. Entre tantas outras razões para que este efeito tenha sido produzido destaca-se, no caso analisado, o fato de, em algumas postagens, Averbuck ter defendido a ideia de que aquele espaço serviria como o seu diário. Essa defesa do funcionamento do blog como uma espécie de diário pode ser notada em pelo menos cinco postagens feitas pela autora[4], todas elas, nos primeiros meses de existência do blog. Como exemplo, cito o trecho de uma postagem de setembro de 2001:

> vou manter esta porcaria feiosa aqui como MEU QUERIDO DIÁRIO. SIM. M-E-U Q-U-E-R-I-D-O D-I-ÁR-I-O. Escrever merda aqui todos os dias. Para ninguém ler. Porque eu vou precisar escrever em algum

[4] Entres essas postagens destacam-se as das seguintes datas: 24 de setembro de 2001, 25 de setembro de 2001, 28 de janeiro de 2002, 20 de março de 2002 e 29 de maios de 2002.

> lugar, néam? Pois é. Despois eu apago tudo" (AVERBUCK, idem, 24/09/2001).

Analisando-se as postagens ao longo dos dois anos nos quais o blog foi mantido (as quais não foram apagadas), observa-se, a princípio, certas características do diário, como a regularidade das publicações[5], a temática pessoal e íntima dos textos, nos quais os leitores-internautas puderam acompanhar as mudanças de casa, as frustações amorosas, as dificuldades financeiras, os percalços até a publicação do romance de estreia, as lembranças e aventuras na noite paulistana, a gravidez e os primeiros desafios da jovem mãe – além do uso excessivo da primeira pessoa, que lhe renderam acusações de egocentrismo, ou ainda, a ausência de espaço para os comentários dos leitores, uma ferramenta disponível nos blogs, mas da qual Averbuck abriu mão.

A partir da aparente similaridade entre a escrita do diário tradicional e a escrita dos blogs, pretende-se a seguir retomar, brevemente, algumas das principais características da escrita íntima analisadas por importantes críticos e compará-las com as características observadas nos blogs da primeira década do século XXI. A fim de elencar não apenas as características em comum que permitiram a aproximação entre diário e blog, mas também examinar as diferenças entre eles.

Lejeune (2014) aponta que a escrita individual e íntima, que se proliferou a partir do século XIX, é marcada pela discrição, uma vez que apesar da possibilidade de preencher as páginas dos diários em qualquer lugar, geralmente, "isso é feito longe do olhar dos outros, escondido da família" (LEJEUNE, 2014, p. 298). Para o autor ainda merece destaque a datação das entradas e a sua relação bastante próxima com o momento dos acontecimentos relatados, pois se houver o distanciamento entre os momentos vividos e o momento da escrita, bem como a ausência das datas, haveria o abandono do diário e a produção da autobiografia.

Se o conteúdo e o estilo dos diários íntimos variavam de acordo com o seu autor, Lejeune aponta que tal gênero é responsável por construir a memória de quem o produz através da anotação cotidiana, pois é, principalmente, para si que se escreveria um diário, a cada nova entrada haveria uma reflexão e ordenação narrativa dos acontecimentos vividos, tornando a "vida memoriável" (idem, p. 302). Além disso, o

[5] Averbuck chega a escrever diversos textos mesmo estando off-line, postando-os posteriormente quando obteve o acesso à internet.

diário tradicional permitiria ao seu autor pensar, refletir, conhecer melhor a si mesmo[6], desabafar ou, em último caso, perpetuar os momentos daqueles que não estão mais aqui, os quais antes da morte não destruíram seus diários ou não deixaram ordens para que assim o fizessem, sepultando também os seus escritos íntimos. Nestes casos, "o diário é um apelo a leitura posterior" (idem, p. 303), que resultaria na perpetuação das memórias de seu autor e no conhecimento futuro do que fora vivido em momentos longínquos.

Para Blanchot (2013), o diário seria, aparentemente, livre de forma, no entanto essa liberdade não é plena, pois ele seria dependente de dois elementos fundamentais: o respeito à cronologia e a exigência da sinceridade do autor que se propõe a mantê-lo. Assim, "a sinceridade representa para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar" (BLANCHOT, 2013, p. 271).

Arfuch chega a destacar a liberdade temática que o autor dos diários tradicionais detinha, tal qual ela observa, qualquer coisa poderia ser tema de uma entrada no diário, desde as mais triviais banalidades até uma elaborada reflexão com base filosófica; e ainda ressalta que "tudo encontraria lugar em suas páginas: contas, bilhetes, fotografias, recortes, vestígios" (ARFUCH, 2010, p. 143). Ela ainda defende que dentre aqueles gêneros biográficos surgidos na modernidade, seria o diário "o precursor da intimidade midiática" (*idem*, p. 144), pois, embora haja inúmeros diários que permanecem privados e jamais foram divulgados, há casos, sobretudo de escritores, nos quais a publicação posterior era intuída pelo seu autor, isso quando os diários não foram escritos já com a intenção de uma posterior publicação, segundo a ensaísta[7]. Consequentemente, esses últimos casos já seriam pautados por uma série de ajustes, como o apagamento de certos episódios ou a reescrita total ou parcial antes de sua publicação.

---

[6] O conhecimento de si, que Lejeune aponta como uma das funções da escrita íntima, é possível no sentido de o diário permitir certo distanciamento para a projeção de si, construindo assim uma autoimagem que pode resultar em transformações ou contradições ao longo do tempo, pois "no diário, o autorretrato nada tem de definitivo" (LEJEUNE, 2014, p. 304). Assim sendo, importa diferenciar a concepção de conhecimento de si de Lejeune, daquele examinado por Foucault na cultura greco-latina. No ensaio de 1988, "As Técnicas de Si" (2014), Foucault observa que para os gregos o preceito délfico do "conhece-te a ti mesmo" era secundário e subordinado ao "cuidado de si"; no entanto segundo ele, desde os primeiros séculos do Cristianismo na Europa, conhecer a si próprio se tornou um princípio fundamental para o Ocidente, principalmente, para aqueles que se dedicavam à vida religiosa, pois tinham a obrigação de conhecer-se plenamente, por meio de diferentes técnicas (de certa forma, todas relacionadas com o ato de examinar a sua própria consciência); uma vez que, através da reconstrução mnemônica, os erros ou má intenções seriam purificados e expurgados.

[7] Arfuch cita como exemplo do primeiro grupo os diários de Constant, Stendhal, Byron, Scott, Carlyle e Tolstói, enquanto os diários de Katherine Mansfield, Virginia Woolf, Anaïs Nis, Simone de Beauvoir, André Gide ou Wiltold Gombrowicz seriam exemplos do segundo grupo.

Em suas primeiras manifestações tinha-se a ilusão de que os blogs poderiam ser a evolução dos diários manuscritos. Consequentemente, uma leitura, um tanto quanto, ingênua deste suporte levou muitos internautas a encará-lo como um diário virtual, ou seja, um espaço onde os segredos, antigamente protegidos por cadernos, agendas e cadeados, passariam a ser públicos e acessíveis com um clique.

Ainda que o blog se assemelhe ao diário tradicional pela submissão à cronologia; a possibilidade de expressão do "eu", com o registro de experiências, sentimentos e desejos; e a liberdade com a qual aceita diferentes temas e recursos, como a fotografia ou o vídeo; por outro lado, ele abandona algumas das principais características do tradicional gênero autobiográfico. A principal delas, sem dúvida, é a privacidade dos escritos. Consequentemente, a sinceridade autoral passa a ser um elemento ainda mais complexo e duvidável se comparado a leitura do diário íntimo[8], ainda que, como sabemos, após os estudos psicanalíticos e narratológicos não seja mais possível acreditar em uma sinceridade total e irrestrita do diarista. No entanto, no blog, a certeza da leitura por diferentes pessoas, algo não apenas possível, mas desejado, conduz a uma performance de si que pode interferir diretamente na criteriosa seleção do que será, ou não, divulgado online. Assim, aquelas duas características fundamentais do diário íntimo, de acordo com Lejeune e Blanchot, a saber, discrição e sinceridade, já não se vislumbram nos escritos em rede.

Lejeune (2014), em ""Querida tela..." um ano depois – os blogs" já observava algumas diferenças entre o diário íntimo mantido em cadernos, agendas ou cadernetas e o diário online, os blogs. Segundo ele, neste último, três características se destacariam: a regularidade, o desejo de seduzir e a autocensura. Assim, os blogs exigiriam uma manutenção constante a fim de atender a curiosidade do leitor internauta e evitar que se perca o público devido à falta de novidades. Além do mais, considerando que a sedução do leitor é sempre almejada, o crítico lança mão de uma metáfora, segundo a qual o

[8] Vale salientar que após os estudos psicanalíticos e narratológicos não é possível acreditar em uma sinceridade total e irrestrita de um diarista, pois, há sempre uma série de seleções e censuras sendo operadas na produção de qualquer texto, sobretudo daqueles que pertencem à esfera autobiográfica. Segundo o próprio Lejeune, o que caracteriza os textos autobiográficos é mais o desejo de alcançar o verdadeiro que a transcrição de uma verdade pura: "Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório" (LEJEUNE, 2014, p. 121). E acrescenta que se a noção de identidade já é em si um imaginário, os textos autobiográficos tendem a corresponder a este imaginário, afastando-se da invenção deliberada, algo típico da ficção.

autor do blog "está no palco" (LEJEUNE, 2014, p. 397), ou seja, age como uma personagem que visa conquistar o público e angariar leitores. Por fim, o autor considera que os blogs seriam uma espécie de "diários-crônicas", divergentes dos diários realmente "íntimos", devido à censura que os autores se impõem, pois, ao contrário dos cadernos, nem tudo pode ser escrito ou divulgado no blog, as operações de seleção e censura se tornaram então constantes devido à divulgação dos textos na rede de computadores.

O ensaísta ainda destacou outras divergências entre um gênero e outro, por exemplo enquanto o diário íntimo tradicional fundamenta-se pelo "pacto autobiográfico", por meio do qual há uma identidade compartilhada por três entidades do texto (autor, narrador e personagem central), nos blogs, Lejeune aponta abruptamente, seria firmado "um pacto de amizade" (idem, p. 396). Este campo de amizade, de acordo com o crítico, seria produzido através de uma série de elementos ligados à internet, entre eles: a possibilidade do uso de pseudônimos pelos autores de blog, o diálogo entre autores e leitores através dos e-mails[9], a contabilização pública das visitas às páginas, bem como a rede de leitura que se forma, por meio da qual os "diaristas" (blogueiros) se leem entre si.

Entre essas características, que constituiriam o tal "pacto de amizade", todas podem ser localizadas em maior ou menor escala nas postagens de Averbuck. Assim, há a aproximação entre a identidade autoral e a personagem, Camila, que foi defendida como seu *alter ego*: "Clarah Averbuck e Camila Chirivino. Nossa história se confunde, verdade e ficção, minha ficção, verdade de Camila" (AVERBUCK, in Brazileira!Preta, 23/08/2002). A rede de leitura se formou pela divulgação de blogs ou sites de amigos, ou ainda, quando anunciava lançamentos de livros e festas promovidos por amigos e namorados da época. Houve ainda as divulgações dos números de visitantes da sua página[10]. E, além disso, o contato entre a autora e seus leitores através de e-mails parece ter sido algo bastante efetivo, sobretudo nos primeiros meses em que o blog se manteve online; isso é evidenciado nas postagens em que Averbuck divulgou diferentes endereços de e-mail para que os leitores se comunicassem com ela e também através das

[9] Como dito anteriormente, a correspondência via e-mail foi algo mantido durante a existência do blog de Averbuck, tanto que são recorrentes as divulgações de novos endereços para o envio de e-mails.
[10] Como dito anteriormente, em seus meses de maior atividade chega a contabilizar mais de quinhentos acessos diários e quase seis mil acessos semanais.

divulgações dos e-mails ou das conversas online que manteve com eles. Esse contanto entre escritora e leitores, porém, nem sempre foi tão amistoso, beirando em alguns momentos uma relação de "inimizade". Vale citar como exemplo a contenda que acarreta o título do blog: um leitor do *CardosOline*, fanzine do qual Averbuck foi uma das colaboradoras, enviou-lhe um e-mail criticando a maneira como ela escrevia e ofendendo-a por julgar que ela seria uma mulher negra:

> From: fabricionline@blah.com.br
> To: clarah@cardosonline.com.br
> Date: Saturday, June 23, 2001, 1:32:55 AM
> Subject: triste
> vc escreve mal, pra caramba, não faz coerência, não sabe usar do conhecimento e da beleza das palavras, que quando direcionadas ligeramente e corretamente, são espetaculares, sua brazileira!preta (AVERBUCK, in: Brazileira!Preta, 16/09/2001)[11].

Ao que seguiu uma troca de e-mails entre a escritora e Fabrício, o leitor. Em sua resposta, bastante irônica, ela agradeceu o e-mail e destacou a importância daquela opinião, à maneira das gravações telefônicas da época e assinou o e-mail como "Equipe Clarah Averbuck"; por fim, ela esclareceu aos demais leitores: "acredite, isso ali foi o que deu origem ao nome do weblog" (*idem, ibidem*). Outros momentos em que houve essa tensa relação entre a escritora e os leitores chegaram a ser divulgados em diferentes postagens. Por outro lado, momentos mais harmônicos também foram expostos, ainda que em menor quantidade. Em dezembro de 2001, por exemplo, a escritora divulgou uma conversa que manteve com um dos leitores pelo ICQ (um dos primeiros programas para conversa instantânea surgidos na internet), na qual ele lhe contou que utilizou um de seus textos publicados online para um trabalho de literatura sobre textos contemporâneos.

A construção performática da figura autoral exposta nos blogs recentes tende a deixar mais explícitas as censuras e as invenções de si que culminam por subtrair desses textos a procura por uma sinceridade autoral; e, como defende Sibilia (2016), cada usuário da rede acaba por fazer diversas seleções sobre o que mostrará ou não, visando sempre o melhor efeito sobre o outro e sua consequente conquista de audiência, o que

[11] A ortografia desta citação obedece àquela divulgada no blog, que seria uma cópia da mensagem tal qual escrita pelo leitor.

na interpretação da socióloga parece seguir a uma lógica empresarial: tudo permeado por valores e regras de mercado.

Vale destacar, por fim, a análise que Azevedo (2007) fez a partir dos blogs daqueles que eram, na época, jovens autores da literatura brasileira e que surgiram neste ambiente virtual ou que nele mantiveram alguma atuação. Entre esses escritores, destacam-se nomes, como João Paulo Cuenca, Paloma Vidal, Mara Coradello e a própria Clara Averbuck. Além de considerar os blogs como um espaço de experimentação e exposição dos textos literários em processo de escrita, Azevedo examina o surgimento de novos escritores através dos blogs, pois esta dinâmica bastante recente, segundo a ensaísta, teria colocado "em xeque as noções de obra e de autor pelo predomínio de uma escrita que autoficionaliza a vivência do cotidiano do próprio autor" (AZEVEDO, 2007, p. 47). Assim, os questionamentos acerca da moderna noção de autor, produzidos desde a década de 1960, tenderiam a ser intensificados quando se analisa a nova categoria de blogueiro, pois o espaço midiatizado do presente operaria uma imbricação entre a realidade cotidiana, as subjetividades autoconstruídas e a performance autoral, tornando-se uma tarefa árdua distinguir o que é obra do que é vida, assim como as noções de real e fictício terminariam por se desestabilizar. Logo, para Azevedo, os blogs constituem-se como "ferramenta propícia para o exercício da autoficção" (idem, ibidem), uma vez que por meio deles as fronteiras entre vida e ficção se misturariam.

Importa ressaltar que, como defendeu Diana Klinger (2012), no presente, a autoficção emergiria em sintonia com o narcisismo midiático, ao mesmo tempo que produziria uma "reflexão crítica sobre ele" (KLINGER, 2012, P. 40). Pois a autoficção permitiria entrever "a dramatização de si que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem" (idem, p. 49), tanto no que se refere à construção do narrador quando a do próprio autor. Construção esta que Klinger também entende como encenação ou teatralização de uma imagem de autor, daí a sua hipótese de entender a autoficção como uma forma de *performance.*

Desse modo, a exposição da performática figura autoral, a aparente proximidade entre o autor do blog e os seus leitores, bem como as diversas e novas funções que o autor contemporâneo tem desempenhado diante de seu público fazem com que a

tradicional noção de autor seja permeada por uma série de ambiguidades, permitindo que se aproxime a função do autor exposto na rede e na mídia à ideia de personagem, uma vez que autores, como Clara Averbuck, desenvolveram uma série de performances de uma subjetividade autoconstruída, pensada e elaborada com o objetivo de atingir certos propósitos, tais como: o reconhecimento e a legitimação no campo literário atual.

As postagens de Averbuck no seu blog já lançavam pistas acerca desta zona imprecisa na qual Azevedo situa estes escritos. Apesar de, como apontado anteriormente, defender uma leitura confessional do blog como seu "querido diário", a autora em outras postagens acabou suscitando dúvidas em seu leitor-internauta, ao colocar a sua própria sinceridade em xeque, ou refutar a ideia, antes defendida, do blog tal qual o seu diário, ou ainda, indicando a impossibilidade de se conhecer realmente alguém apenas pelo o que se lê em seu blog.

Por fim, vale destacar a similaridade, apontada por Azevedo, entre as postagens online e aqueles gêneros considerados, pela crítica canônica, à margem da obra de grandes autores, como, por exemplo, os diários e as cartas, pois ambos poderiam ser encarados como "escritas ordinárias" (AZEVEDO, 2007, p. 51), versando sobre os assuntos corriqueiros e banais. Daí decorre a sua aproximação entre os blogs e as crônicas[12], gêneros que não são considerados canônicos e cuja literariedade divide espaço com outras funções: o registro, o comentário, a crítica. Deste modo:

> Aproximar as características do blog às da crônica não parece fortuito. As semelhanças com o gênero menor da crônica são muitas. A crônica como escrito não-canônico, escrita ordinária, é o lugar da subjetividade, em que narrador e autor ficam apenas à meia distância um do outro. (idem, ibidem).

Compreende-se neste trabalho o caráter ordinário de grande parte das postagens do blog mantido por Averbuck, no entanto, considera-se a relevância deste conjunto de postagens, tanto por servir como registro dos bastidores da criação de seus dois primeiros romances e espaço de experimentação do texto literário quanto por ser o primeiro espaço para a (auto)criação de uma figura autoral bastante evidente no espaço biográfico criado em torno de si. Contribuindo decisivamente para o estabelecimento de

[12] Vale relembrar que, como mencionado anteriormente, Lejeune (2014) também observa esta proximidade entre as características do blog e das crônicas, tanto que distante da ideia de diário íntimo, define os blogs como diários-crônicas.

uma distinção entre a sua voz autoral, legitimada posteriormente com a publicação impressa, e tantas outras que surgem nesse espaço democrático que infla o número de escritores em uma sociedade que a cada dia vê regredir o seu percentual de leitores.

Além disso, a própria similaridade entre os blogs e os gêneros menores, como o diário e a crônica, permitiria que se lance uma suspeita, uma vez que ao longo dos séculos XIX e XX ao serem compiladas as obras completas de importantes autores, em diversos casos aqueles gêneros menores integraram o conjunto da obra, muito provavelmente não esteja distante o momento em que o blog de um(a) determinado(a) autor(a) passará a ser lançado como parte de sua obra completa. No caso de Averbuck, ignorar ao menos parte de suas postagens no veículo online seria o mesmo que ignorar a produção de dois livros da autora, pois *Das coisas esquecidas atrás da estante* (2003) e *Cidade grande no escuro* (2012) são precisamente uma coletânea de textos publicados em seus blogs que a partir da impressão passaram a ser catalogados como "contos".

Referências

Referências literárias

AVERBUCK, Clara. **Cidade grande no escuro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

_____. **Das coisas esquecidas atrás da estante**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

_____. **Eu quero ser eu**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

_____. **Máquina de pinball**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

_____. **Toureando o diabo**. São Paulo: Clara Averbuck Lincoln, 2015.

_____. **Vida de Gato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

Referências teóricas

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.** Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZEVEDO, Luciene. "Blogs: a escrita de si na rede de textos". **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 44-55, jul./dez. 2007.

BLANCHOT, Maurice. "O diário íntimo e a narrativa" *In:* **O livro por vir**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". *In*: **Ética, sexualidade e política.** Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 p. 144-162.

_____. "As técnicas de si". In: **Ditos e escritos, vol. IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 264-296.

KLIGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

Blogs e sites

http://brazileirapreta.blogspot.com.br Acesso: 10/12/2017.